

Vidas perdidas para a barbárie

Na segunda reportagem da série, os testemunhos ao **Correio** de quem viu a brutalidade entre as bandas podres de torcidas organizadas dos dois clubes mais populares da capital ceifar parentes. A dor de um pai que teve o filho assassinado a tiros em uma quadra de esportes; e o pesadelo de uma mulher grávida ao saber da morte do companheiro por mensagens de texto

DARCIANNE DIOGO

Filiar-se a uma torcida organizada é aceitar e viver uma série de regras, rituais e comportamentos. Submeter-se, muitas vezes, a atitudes consideradas execráveis e vedadas perante a lei. A Torcida Fação Brasiense e a Ira Jovem Gama travam uma guerra e reproduzem, há quase 20 anos, ações violentas. A ficha corrida inclui roubos, furtos, tráfico, porte ilegal de armas e, em casos extremos, mortes. Os atos dentro, nos arredores e longe dos estádios levaram as autoridades a proibirem a presença dos integrantes em uma mesma partida desde 26 de janeiro de 2022. À época, o jogo foi interrompido devido a uma confusão generalizada no Mané Garrincha. O jogo foi suspenso e as duas torcidas, retiradas. O duelo recomeçou totalmente sem plateia na vitória alviverde por 3 x 2.

Na segunda reportagem da série *Na bola e na bala*, iniciada na sexta-feira passada, o **Correio Braziliense** revela detalhes das ocorrências policiais envolvendo membros das uniformizadas e os relatos de parentes de ex-integrantes vítimas da rivalidade. Os “mascarados” vestem a camisa da torcida e alastram terror ao se depararem com os rivais.

O conflito entre as torcidas não estereotipa os grupos. As organizadas são compostas, na maioria, por torcedores apaixonados pelos respectivos clubes, dispostos a entrar no embalo dos cânticos para dar força aos jogadores em campo e sentirem-se como um dos responsáveis pelo resultado. São pais de família, crianças, adolescentes, meninos e meninas engajados em ações sociais com frequência, seja na doação de agasalhos, cestas básicas, brinquedos ou roupas. Em ações filantrópicas que também reputam uma torcida, porém não ocultam o submundo encabeçado pela fatia disfarçada de bons moços, uma minoria.

LIGAÇÃO MORTAL

Era manhã de 26 de março de 2015, quando Christina Reis, 31 anos, despertou com várias chamadas perdidas no telefone e dezenas de mensagens de afago e lamentação sobre a morte do então namorado, Diego Henrique Vicente Silva, 19. Sem entender, ela descobriu da pior forma: o companheiro havia sido assassinado na noite anterior, em 25 de março. Por cinco anos, Diego dedicou-se à torcida Fação Brasiense. O jovem morreu defendendo a camisa da organizada.

“*Teve esse futebol e os meninos foram embora. O Johnathan ficou com outros rapazes e eles perceberam que tinha um pessoal do Brasiense nas proximidades. Eles (torcedores do Brasiense) estavam em menor quantidade, mas armados*”

Marcelo dos Santos,
45 anos, pai de Johnathan Diogo de Oliveira, assassinado em 2020

“*Nas poucas vezes que o acompanhei, sempre vi coisa errada nesses eventos. Muitas drogas, bebidas e até brigas entre eles mesmos. Por várias vezes, ele chegou pelado em casa, porque tomavam a roupa dele na rua*”

Christina Reis,
31 anos, namorada de Diego Henrique Vicente Silva, assassinado em 2015

Na noite do crime, por volta das 21h, Diego estava em mais um dia de aula, no Centro Educacional 6 de Taguatinga Norte, onde cursava o 6º ano do Ensino de Jovens e Adultos (EJA). Na sala, ele e um torcedor da Ira Jovem Gama, à época com 17 anos, iniciaram uma discussão sobre os times. Durante a desavença, o menor telefonou para um desconhecido e saiu da escola. Pouco tempo depois, retornou usando uma jaqueta com capuz e foi em direção a Diego e um amigo dele, trajado com uma blusa do Brasiense. Ao perceber que o adolescente cometeria um crime, o comparsa de Diego correu, porém o jovem não conseguiu fugir.

Em posse de uma arma calibre .38, o adolescente efetuou dois disparos contra Diego, que morreu na hora. Depois, fugiu em um carro. A morte de Diego foi um espanto para Christina e para a torcida do Brasiense. A vendedora se relacionou com o torcedor por dois anos. O casal teve uma filha. “Eu estava grávida quando tudo aconteceu. Faltava um dia para tirar a licença-maternidade, quando soube, pela manhã, do ocorrido. Foi um baque”, conta.

Christina descreve a fase do relacionamento como turbulenta. Não por causa de brigas entre o casal, mas pela paixão obcecada de Diego pela organizada. O jovem ingressou aos 14 anos. Dedicou-se às caravanas, festas e brigas contra grupos rivais. “Nas poucas vezes que o acompanhei, sempre vi coisa errada nesses eventos. Muitas drogas, bebidas e até brigas entre eles mesmos. Sempre pedi para ele sair disso, abandonar para vivermos a nossa vida, mas não adiantava. Ele me trocava para viver isso. Por várias vezes, ele chegou pelado em casa, porque tomavam a roupa dele na rua”, desabafa.

Para arcar com os custos da mensalidade de sócio e eventos, Christina revela que, às sextas-feiras, Diego saía de Planaltina para a área central de Brasília para traficar drogas. “Eu só o via aos sábados e domingos, porque no meio de semana ele nunca podia, pois estava ocupado com a torcida.”

RIVALIDADE E MORTE

A brutalidade entre as duas maiores torcidas do DF também tirou a vida de Johnathan Diogo de Oliveira. Aos 22 anos, o jovem morreu ao ser baleado por uma pessoa ligada à organização do Gama, em uma quadra de esportes, na QNM 40 de Taguatinga Norte,

Ed Alves/CB/DA Press



Marcelo dos Santos mostra a foto do filho, Johnathan Diogo de Oliveira, uma das vítimas da brutalidade na batalha extracampo entre as organizadas

em setembro de 2020. Em entrevista ao **Correio**, o pai de Johnathan, Marcelo dos Santos, 45, conta como tudo ocorreu. “Teve esse futebol e os meninos foram embora. O Johnathan ficou com outros rapazes e eles perceberam que tinha um pessoal do Brasiense nas proximidades. Eles (torcedores do Brasiense) estavam em menor quantidade, mas armados”, detalha.

Conforme consta nos autos do processo obtido pelo **Correio**, Lincoln Dantas Inácio e um adolescente foram os responsáveis por ceifar a vida de Johnathan. Antes do crime, os membros das duas torcidas haviam discutido por causa de futebol. Em determinado momento, a vítima e amigos saíram do local de carro. Logo depois, Johnathan e os colegas se depararam com integrantes da Fação Brasiense. Quando desceram do automóvel, Lincoln e o menor foram em direção ao grupo, momento em que o adolescente efetuou um disparo contra Johnathan. “Ele foi para o hospital, fizeram manobras de ressuscitação e ficou umas quatro a cinco horas lutando pela vida, mas não resistiu, infelizmente”, diz o pai.

Marcelo recebeu a notícia na manhã do dia seguinte, quando atendeu a uma ligação da irmã. “Ela me perguntou sobre o Johnathan e eu disse que ele estava em casa. Foi quando ela me contou que tinham matado meu filho.” Marcelo teve um namoro curto com a mãe de Johnathan e a gravidez foi fruto da relação, mas só em 2018 que a relação entre pai e filho começou a se estreitar. “Ele (filho) era muito fechado e não tínhamos essa conversa de pai para filho, mas era um menino cheio de sonhos. Gostava de curtir a vida e eu sempre dava conselhos para ele fazer uma faculdade”. Johnathan deixou dois filhos e morreu quando a namorada estava gestante de três meses.

Lincoln, membro da torcida do Gama e responsável pelo homicídio, ostenta uma vasta ficha criminal. Em novembro de 2021, chegou a ser alvo de uma operação da Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) acusado de cometer uma série de assaltos em salões de beleza da capital. Desde os 16 anos, o criminoso agia do mesmo modo: armado, invadia os estabelecimentos, rendia as vítimas com violência e levava celulares, dinheiro e até joias de clientes e profissionais.

CONEXÃO CRIMINOSA

Parte das ocorrências de brigas entre os rivais são protagonizadas por membros da própria diretoria das organizadas. Eles aparecem, juntos, em um, dois, três ou mais casos semelhantes. Glauber Ramos Ferreira, Mayksson Miller Cantanhede e Wemerson Leal Pereira são associados à Fação Brasiense. Todos figuras conhecidas da polícia.

Glauber chegou a integrar a gestão do grêmio recreativo da organizada e acumula processos por roubos e tentativa de homicídio. Mayksson, por sua vez, é um dos atuais líderes da organizada. Estava preso no Complexo Penitenciário da Papuda até fevereiro por corrupção de menores, incitação de tumulto e por fornecer arma a criança. Segundo as investigações, ele a incentivou a atacar um suposto torcedor do time contrário. As filmagens circularam nas redes sociais e mostram o menino vestido com a blusa do Brasiense e armado com uma faca. No vídeo, Mayksson elogia o olho roxo no rosto da criança e sugere que teria sido causado por uma briga na rua.

Em 2016, Mayksson, Glauber, Wemerson e outra pessoa por nome de Wasley Rodrigues se envolveram em